

M. J. R. de P. (Manoel Joaquim
Henriques de Paiva)

DA FEBRE

E

DA SUA CURACÃO EM GERAL,

OU

NOVO E SEGURO MÉTODO
De curar facilmente, por meio dos ácidos
mineraes, todas as espécies de Febre;

PELO

DOUTOR GOTOFREDO
CHRESTIANO REICH,

Traduzido do Alemão em Francez

PELO

DOUTOR MARC,

Tirado em linguagem, e ampliado com anno-
tações

POR

M. J. H. DE P.

B A H I A :

NA TYP. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA
SERVA.

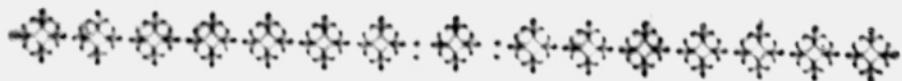
ANNO 1813.

Com as licenças necessarias.

*He entre applausos que se começam a usar
os remedios ; o tempo e a cperiencia aperfei-
goam depois suas vantagens , assim como vão
mostrando seus inconvenientes.*

*Paiva , filho , Compendio das enfermi-
dades venereas.*





AOS LEITORES

D. F.

M. J. H. DE P.

II

Avendo o doutor *Reich* asseverado, que descobrira hum metodo seguro de sanear facilmente todas as especies de febre, e que o guardava em segredo, hum dos seus amigos fallou nelle ao Barão de *Hardenberg*, ministro do Rei de Prussia, e este o participou ao Rei, o qual immediatamente lhe ordenou que chamasse a Berlim o doutor *Reich* para fazer as experiencias do seu secreto metodo curativo, sob a vigilancia e presidencia do Real Collegio de Medicina.

A 2

Sen-

Sendo a resulta das suas experiencias curas estupendissimas, o mesmo Rei reconhecendo a utilidade, que podia provir deste descobrimento, comprou o segredo ao inventor com a clausula de o manifestar com todas as explicações necessarias para por-se em prática; o que com effeito cumprio na presente memoria, a qual he o summario fiel da nova doutrina das febres, e da sua curaçao em geral.

Doze e mais annos ha que esta memoria foi publicada de ordem do mesmo Rei pelo Real Colégio de Medicina de Berlim, a qual traduzida depois da linguagem Alemã na Franeza, pelo doutor *Marc*, publicou-se no quarto tomo das *Memorias da Sociedade medica da emulação de Paris*, donde eu a tirei em linguagem Portuguez, que agora offer-
re-

reço ao público com algumas anotações.

Prescindindo eu de avaliar o merecimento desta memoria, sómente digo que comprehende duas partes, huma theorica ou a exposição systematica, a qual parecerá escura, e extravagante áquelles, que ignoram a Química moderna; e outra practica ou experimental, firmada em alguns feitos, remetendo-se o seu autor ás explicações mais amplas, e á Historia das enfermidades, que, segundo o seu methodo, curou, a outra obra, que publicou, e imprimio em *Nuremberg* no anno de 1800, com o titulo de *Casos das enfermidades*.

„ Não procurarei aqui, diz „ *Reich* §. LXXXI, de captivar „ a opinião dos medicos; eu lhes „ tenho exposto as razões, que me „ obrigaram a olhar as febres sob „ hum

„ hum novo ponto de vista ; a el-
„ les toca discutir estas razões,
„ e'ver se a experiençia as con-
„ firma. „ Nenhum medico pru-
„ dente, e que tenha lido alguma
cousa se intrometterá na discussão
da sua theoria , certo que esta de-
ve estribar na verdadeira experi-
encia , e que o uso dos acidos mi-
neraes nas febres , e noutras mui-
tas enfermidades , he antiquissimo ,
e tão geral que até os medicos ex-
pectadores nominaes reconhecem
as suas virtudes , posto que as ta-
xem.

E porém , para desfazer essa
taxa , era minha tençao que esta
memoria saisse á luz , acompanhada
de hum summario chronologi-
co do uso , que os medicos tem fei-
to dos acidos mineraes , quer mi-
turados com agua , quer com o al-
cohol , e com as substancias aroma-
ticas , nas diversas enfermidades
do

do corpo humano; mas, além de
me tolher aquella minha tenção o
quebrantamento das forças por
achaques continuados, faltam-me
os livros necessarios, que, em ra-
zão das minhas adversas circum-
stâncias, não posso haver. Virá
tempo em que satisfazer possa os
meus ardentes desejos, e então
darei mais huma prova de que a
minha terra amei e a minha gen-
te. Bahia 8 de Fevereiro de 1813.

DA-

60 miles away from

the ocean

60



DA FEBRE

E

DA SUA CURAÇAO EM GERAL.

§. I.

Examinando-se accuradamente as diversas funções do corpo humano, se respeitarão necessariamente como a resulta de *combinações químicas*, combinações, que modificam incessantemente a matéria orgânica.

§. II.

Para que estas combinações (§. I.) se effeituem, cumpre necessariamente admittir a existência-

cia de muitos principios de natureza opposta, cuja accão reciproca de huns sobre outros seja perennal.

§. III.

Pertencendo pois as referidas combinações (§. I.) a huma Química, que poderia chamar-se *vitatal*, claro está que ellas forçosamente hão de ser mui varias; com efeito deve contar-se entre os elementos destas combinações a *assimilação* das materias hêterogéneas, a sua separaçao ou secreçao, as diferentes proporções das mesmas materias, olhadas respectivamente á qualidade e á quantidade: em fin, a diferença dos mesmos orgaos, em que estas mudanças se effetuam.

Des-

§. IV.

Deste continuo movimento produzido pela reciproca ação dos principios oppostos (§. II.), resulta a *vida como fenomeno sensivel*, por tal que poderia definir-se por *humana inclinação continua das matérias heterogéneas para a homogeneidade*, isto he, para a *assimilação* na substancia organica, que compõe o corpo vivente. Renovando-se todavia de continuo esta substancia pela materia que lhe subministram incessantemente as substancias alimentosas, e nutritivas, nunca pôde effeituar-se a mudança em materia organica *constante*. Este circulo ou movimento perpétuo necessita das forças ou dos principios oppostos (§ II.), os quaes não podem conceber-se sem a existencia de outra materia orgânica.

nica *primitiva*, donde conseqüintemente corre que as forças pertencem essencialmente à matéria. Passando dahi á applicação deste principio, diremos que as forças orgânicas, e os corpos orgânicos são idênticos, e significam unica e absolutamente a mesma causa, por quanto he impossivel de entender a sua existencia illada; quando pois se diz que as forças orgânicas constituem a organisação, quer dizer, que a organisação he constituida por si mesma. Sendo as faculdades orgânicas a resulta de combinações químicas, a organisação que he também a resulta daquellas, será hum producto químico, e igualmente todo e qualquer efecto da organisação, a saber, a força ou poder vital, a insensibilidade, a sensibilidade, a irritabilidade, a força productiva;

em

em summa tudo quanto pôde reputar-se por causa, seja qual for o nome que a estes effeitos se dê.

§. V.

A *base da vida* estriba por tanto na matéria organisada, a qual passa a ser *organisante*, de sorte que a vida resulta como *fenômeno* do encadeamento da organização. Não se deve comtudo confundir a base da vida organizada com a primeira origem e fonte de toda a vitalidade; aquella demonstra-se por hum argumento de analogia de semelhança, tirado da experiência, em huma palavra pelos effeitos, ao mesmo tempo que a segunda escapando á observação, não temos nenhuns dados ácerca da sua natureza, e uni-

unicamente podemos fazer algumas conjecturas arriscadas.

§. VI.

Sendo as forças existentes no corpo humano a resulta de combinações químicas (§. IV.), os efeitos destas forças serão também productos semelhantes; assique deve-se olhar os fluidos e suas mudanças ou alterações, dependentes da mesma lei; e como os sólidos podem por ultima analyse ou decomposição, reduzir-se a os fluidos de que são compostos, esta lei lhes he igualmente applicável. Entendendo eu aqui a palavra *fluído* no sentido mais amplo, comprehendo os fluidos líquidos, ou fluidos aeriformes ou em forma de ar, e todos os fluidos conhecidos com o nome de *ma-*
gne.

gnetico, de *galvanico*, de *electrico*, &c. Pela palavra *quimica* entendo não só as combinações das moléculas da matéria *inorganica* ou sem organisamento, mas também as que se fazem entre as substâncias elementares, de cujo concurso procede a matéria *organica*.

§. VII.

Corre diretamente dos principios expostos, que todas as mudanças e modificações, que no corpo humano pôde haver, procedem das combinações químicas das suas substâncias elementares *constitutivas*; que a influencia destas combinações resurge ás forças intellectuaes, as quaes influem também nellas; visto que na organização nada existe ilhado, mas tudo he reciproco e encadeado. Não

sen-

sendo este o lugar de provar a dita reacção das forças intellec-
tuais, contento-me de indicar aos observadores os fenomenos do gal-
vanismo, cuja contemplação me
guiou a estabelecello por princi-
pios.

§. VIII.

O corpo humano, que segun-
do o progresso geral da natureza,
está exposto á influencia das for-
ças químicas, cuja accão con-
siste em reduzir as moléculas in-
tegrantes á homogéneidade, não
poderia existir nem conservar-se
in statu quo se a esta inclinação
não se opusesse outra direitamen-
te oposta, isto he, huma incli-
nação para a heterogéneidade: em
quanto se conservar o equilibrio
entre estes dois effeitos opostos,
o corpo humano permanecerá no

MES-

mesmíssimo, estado isto he, viverá; logo que o equilibrio se romper, ou ceder á inclinação das forças químicas para a homogeneidade, no mesmo instante se quebrantarão as leis da química vital, obedecendo elle á fysica ou química dos corpos *inorganicos* ou sem organismo, em huma palavra cessará de viver.

6. IX.

Devemos por tanto reputar todas as operações da química vital por outros tantos fenomenos, pelos quaes o corpo humano manifesta a sua *vitalidade*: estas operações, estes fenomenos são essencialmente distintos daquelles, que a química dos corpos *inorganicos* oferece. Ambas as químicas comprehendem as mesmas leis de af-

finalidades electivas (1), mas a primeira difere da segunda em ser o *corpo animal* o seu centro, e em admittir por condição essencial a variedade dos principios, quando a química física abrange a natureza inteira, conduz tudo á unidade.

§. X.

As importantíssimas operações da química vital, são a *respiração* e a *nutrição*; a total cessação de huma ou de outra, produz a morte.

§. XI.

A respiração he a função mais essencial do corpo humano; todas as outras lhe são subordinadas e como secundárias.

He

§. XII.

He por meio da respiração que o corpo humano decompõe o ar atmosferico, e que tira delle o *oxygeneo*, indispensavel á vida. Quer o oxygeneo entre pelos bôfes ou pela pelle, quer obre imediatamente sobre o sangue, ou sirva unicamente para a combinação mais intima dos diversos fluidos, depositados pelo sangue nas diferentes partes do corpo, são questões estas, a meu entender, indiferentes, e só devemos aqui ocupar-nos da accão do oxygeneo, cuja necessidade está bem provada !

§. XIII.

O oxygeneo não he a unica parte constitutiva do ar atmos-

ferico, o azoto he igualmente outra, não contando huma pequena quantidade de gaz acido carbonico, que, a meu ver, não se deve reputar por parte essencial do ar atmosferico (2).

§. XIV.

A quarta substancia, que serve para a combinação das precedentes (§. XIII.), e as tem em forma de gaz, he o *caótico* de cuja existencia se duvidou ultimamente com o fundamento de não ser possível apresentalho *ilhado*: com o mesmo fundamento se duvidaria da existencia de todas as substancias simples, as quaes conhecemos sómente pelos seus fenomenos, tales como as materias electrica, magnetica, galvanica, &c. He bem

ver-

verdade , que ignoramos a sua *essencia* , e a ignoraremos sempre , do mesmo modo que a do *calórico* , do qual não percebemos a sua *existencia* senão no momento da *combinação com outro corpo oposto* . Todo fenome-
no he já por conseguinte o pro-
ducto de dois principios oppostos .
Cada hum destes principios sim-
ples acha-se extinto no fenome-
no , e identificado no producto ;
por isso não pôde perceber-se ilha-
damente ; mas pôde-se estar cer-
to na sua existencia quando o
dito producto pôde ser analysa-
do ou decomposto , e os princi-
pios achados nelle pela analyse
ou decomposição , nunca se ob-
tém illados na sua combinação
com outros corpos . A esta quarta
substancia , que retém , e conser-
va as outras no estado aeriforme
ou

ou em forma de ar, e que he a causa do fenomeno *calor*, dâmos o nome de *calórico*; usamos desse nome, assim como daquelles de *oxygêneo*, de *azoto*, de *carbonio*, de *materia electrica*, &c. para nomear as substancias simples, ou que até ao presente não se poderam ainda analysar ou decompôr.

§. XV.

A quinta substancia constitutiva do ar atmosferico he a luz, a qual, assim como o *calórico*, parece ser huma modificacão particular da electricidade. Prescindendo desta questão, e deixo tambem para outro tempo muitas investigações sobre a natureza da combinação, que, na atmosfera, se faz entre o *oxygêneo* e o *azoto*, da qual não resulta o acido

ni-

nitrico ; sómente advertirei que he possível que este resultado não appareça em razão da grande afinidade, que entre si tem, 1.^o a luz e o oxygeneo ; 2.^o o calórico e o azoto ; 3.^o a luz e o calórico ; talvez he preciso acrescentar-lhe o entre-méio de muitas substâncias gásparas, que nos são ainda desconhecidas.

§. XVI.

O ar atmosférico não he respirável senão quando o oxygeneo está nello *frouamente* combinando... Des o instante que se combina mais intimamente com qualquer gaz perde esta qualidáde, ganhando imediatamente tal adherencia com a sua base, que não pôde separar-se della no bofe.

A

§, XVII.

A respiração deve reputar-se pela mais simples operação da química vital, visto que a combinação do oxygeneo com o sangue, ou com as substâncias gazoosas, que se soltam e separam delle, se effeitura conforme as Leis de affinidade reconhecidas.

§. XVIII.

Como no acto da respiração sirva unicamente o oxygeneo, he natural perguntar-se porque a natureza derramára com tanta sobriedão na atmosfera huma substância tão inutil a esta função como o azoto, e não lhe substituir o oxygeneo? Para responder a esta pergunta nos aproveitaremos de alguns principios precedente-
men-

mente estabelecidos. Dissemos que todo o fenomeno era a resulta do effeito reciproco de dois principios oppostos (§. IV.), que a existencia de todo o movimento dependia da existencia de duas forças, cuja resistencia era mutua, e que sendo a vida hum movimento não podia tambem ter lugar senão por esta especie de luta entre os principios oppostos ; os quaes reconhecemos por mais essenciaes nas duas partes constitutivas do ar atmosferico ; nem o oxygêneo, nem o azoto se deve considerar hum com exclusão do outro, como principio vital, mas ambos são igualmente essenciaes á vida posto que exercem funções differentes ; o azoto por ser abundantissimo e o mais universalmente derramado, deve reputar-se pelo *principio vital*, irritan-

tante, incitativo e positivo ou real; o oxygêneo ao contrário por princípio vital moderador ou debilitante, temperante e negativo (3). Adiante apontarei os motivos, que me obrigam de atribuir ao oxygêneo esta função: o que acabo de dizer contribuirá para conceber-se a razão, que a natureza teve em não formar o ar atmosférico de oxygêneo somente, e de ligar a nossa existência com a respiração contínua, a em fazer toda a organização animal, a alma, e o corpo dependentes dos nervos, os quais não são destinados como se julgava, á secreção de hum fluido particular, mas servem de conductores do oxygêneo e do azoto. Aquelles, que conhecem os feitos em que estribava o galvanismo, não duvidarão nuda do destino do gênero nervoso. In-

§. XIX.

Independentemente destes dois principios (§. XVIII.), existem também outras *condições de vitalidade internas*, com as quaes a existencia do corpo está essencialmente ligada; a combinação e a modificação, quer seja dos principios externos de que acabamos de falar, quer dos principios internos residentes no corpo, estabelecem estas condições, e a sua união ou encadeamento forma a *nutrição*; a qual he a causa da duração da organização, e huma função, que exerce o corpo, para tirar das substancias alimentosas os principios necessarios á sua conservação; mas como esta função só pode effeituar-se pela decomposição dos alimentos nos seus principios elementares, deve-

tante, incitativo e positivo ou real; o oxygeneo ao contrario por principio vital moderador ou debilitante, temperante e negativo (3). Adiante apontarei os motivos, que me obrigam de atribuir ao oxygeneo esta função; o que acabo de dizer contribuirá para conceber-se a razão, que a natureza teve em não formar o ar atmosferico de oxygeneo somente, e de ligar a nossa existencia com a respiração contínua, a em fazer toda a organização animal, a alma, e o corpo dependentes dos nervos, os quais não são destinados como se julgava, á secreção de hum fluido particular, mas servem de conductores do oxygeneo e do azoto. Aquelles, que conhecem os feitos em que estribava o galvanismo, não duvidarão nuda do destino do gênero nervoso.

In-

§. XIX.

Independentemente destes dois principios (§. XVIII.), existem tambem outras *condições de vitalidade internas*, com as quaes a existencia do corpo está essencialmente ligada ; a combinação e a modificação, quer seja dos principios externos de que acabamos de falar, quer dos principios internos residentes no corpo, estabelecem estas condições, e a sua união ou encadeamento forma a *nutrição*; a qual he a causa da duração da organização, e huma função, que exerce o corpo, para tirar das substancias alimentosas os principios necessarios á sua conservação; mas como esta função só pôde effeituar-se pela decomposição dos alimentos nos seus principios elementares, deve-

ve-se igualmente respeitar a nutrição como hum verdadeiro processo de química vital, pertencendo por conseguinte todas as secreções e excreções á nutrição, como operações químicas secundárias.

§. XX.

Logo as substâncias, que formam a matéria das secreções e a das excreções obedecerão ás leis absolutas da affinidade química; as quaes posto que sejam firmes e invariaveis, podem padecer no corpo humano algumas variações por diferentes causas.

§. XXI.

Quando as leis de affinidade forem modificadas de maneira que resulte o perfeito equilibrio entre as

as diversas funções do corpo humano, este gozará do estado de saude; tanto que este equilibrio se romper, ou as causas externas forçarem estas leis a seguir hum curso opposto áquelle da *vitalidade*, e avisinhar-se também ao da química *inorganica*, desde esse momento a enfermidade sucederá á saude; quanto mais prompta esta desordem for, tanto mais rapida e notavel será a mudança, que se lhe seguir.

§. XXII.

Quer estas materias, incapazes de ser sujeitas á accão da química vital, cheguem directamente ao corpo, quer ellas sejam alli separadas das substancias alimentosas, quanto maior for a sua quantidade, tanto mais

prom-

prompta será esta mudança, nesse caso serão nocivas por *excessão de irritação*.

§. XXIII.

E como as leis da química vital podem, segundo as da organização, ser actuadas pela reação das forças intellectuais (§. VII.), qualquer modificação destas poderá mudar o estado da saúde no de **enfermidade**, e reciprocamente.

§. XXIV.

Quando a nutrição padecer alguma modificação doentia, percebe-se imediatamente nas secreções: este fenomeno me obrigou a reputar as secreções por huma operação secundaria.

A

§. XXV.

A influencia do estado de saúde, ou de enfermidade sobre o das secreções e das excreções, está provada evidentemente pela diferença, que se observa entre os productos de ambos os estados opostos.

§. XXVI.

He principalmente nas febres que esta diferença (§§. XXIV. e XXV.) se observa com maior facilidade: os productos das secreções e das excreções contém então mais ou menos substâncias, que não deveriam conter no estado de saúde; a urina, as fezes, a respiração, as feições do rosto, o sangue, o fel, todo o corpo padecem alterações, que não escapam ao práctico, mor-

mente áquelle, que olha a organização sob o seu verdadeiro ponto de vista, e debaixo da sua *relação química*.

§. XXVII.

No estado de saüde, as secreções e as excreções conservam entre si tal proporção, que resulta dahi o equilibrio geral. Nas febres, ao contrario, não ha esta proporção, e, por consequencia este equilibrio *necessario*, em que, a meu ver, consiste a saüde: como, em ambos estes estados, as secreções e as excreções não são mais do que decomposições e combinações de materias, que affeçoam o corpo vivente por diversas maneiras, julgo que não se pôde comparar melhor a união e encadeamento destas operações do

do que com a *fermentação*. E não sendo a febre senão o efeito das excreções e das secreções modificadas differentemente do que aquellas, que no estado de saúde observamos, esta comparação lhe he igualmente applicavel. A natureza das secreções e das excreções deve por tanto ser a regra pela qual devemos ajuizar do *estado febril*; e se o estado de saúde consiste na decomposição e combinação das substancias contidas no mesmo corpo, ou recebidas de fóra continuando o *equilibrio geral*, o estado de febre deve consistir na decomposição, e combinação doentia destas mesmas substancias, descontinuando o *equilibrio geral*. Em summa, no primeiro caso teremos a *fermentação natural*, no segundo a *fermentação preternatural*.

C

Não

§. XXVIII.

Não percamos o ponto de advertir que quando nos servimos da palavra *fermentação* para declarar certa ordem de combinações acontecidas no corpo humano, quer no estado de saúde, quer no de enfermidade, não pretendemos que esta ordem de combinações se effeitue do mesmo modo do que na fermentação dos corpos *inorganicos*; nós reconhecemos, ao contrario, que as diversas faculdades de que goza o corpo cheio de vida, modeficiam esta ordem de combinações de hum modo particular, indaque as leis de affinidade sejam as mesmas, e entendemos que qualquer producto obtido na fermentação *inorganica*, jamais poderá ser argumento fundamental para preter-

der-se outro producto semelhante na fermentação organica, postas as mesmas circunstancias.

§. XXIX.

Sendo a enfermidade em geral huma modificação do estado de *vitalidade* (§. XXI.), a febre, que he hum genero de enfermidade, será huma modificação *particular* deste mesmo estado de *vitalidade*, e a palavra *febre* será a expressão generica, que designará esta modificação.

§. XXX.

Designando a expressão *febre* huma forma particular, commun a todas as enfermidades, que se chama *febres*, todas ellas se assemelharão por esta forma commun.

§. XXXI.

A esta forma *commun* (§. XXXI.) chamaremos *caractere* *generico*, o qual deve ser mais *aparente* e *realçado*, e achar-se em todas as *especies* *particulares* de febres.

§. XXXII.

Assim (§. XXXI.) deve ser em virtude deste axioma tão conhecido, que *o que convém ao genero, deve convir à especie*, o que não *he reciprocó*.

§. XXXIII.

Todas as febres, desde a *efemeria* ou diaria simples até á *peste*, não são mais do que diferentes *especies* de *hum genero commun*; e, para que seja boa a

definição da febre, deverá comprehender o seu caracter generico (§. XXX.).

§. XXXIV.

¿ Mas em que consiste este caracter generico (§. XXX.) ? Por mais difícil que a sua comprehensão pareça, entendo que se pôde conseguir pela numeração exacta dos fenomenos da febre.

§. XXXV.

A experiência nos ensina em primeiro lugar que tudo o que perturba a proporção, que deve haver entre os dous principios da *vitalidade* (§. XVIII.) e as substancias tanto simples como compostas existentes no corpo, produz a fermentação doentia (§. XXVII.),

e

e os symptomas, que caracterisam a febre.

§. XXXVI.

Estes symptomas consistem na maior ou menor mudança das secreções e das excreções; mudança originada da cessação da devida proporção das diversas substâncias, que obram no corpo humano tanto externa como internamente. Esta cessação procede da diminuição do oxygeneo, quer ella seja real, quer proceda do gasto e consumo extraordinario deste princípio.

§. XXXVII.

Deve-se pois dizer que o carácter genérico da febre, he a decomposição e recomposição preternatural das moléculas elementares do corpo humano produzidas pe-

la

la diminuição total ou relativa do oxygeneo local ou universal. Pela expressão *preternatural* não pretendo designar *nada*, que seja contrario ás leis geraes da natureza, o que implicaria contradicção, vista a sua impossibilidade, mas sim huma tal combinação como a proporção dos elementos da qual resulte alteração do estado de saüde.

§. XXXVIII.

A diminuição do oxygeneo pode provir de causas *externas* ou *internas*.

§. XXXIX.

As causas *externas* são as constituições ou temperaturas nocivas da atmosfera, as diversas especies de miasmas e de *virus eran-*
the-

themáticos, cujo efeito no corpo humano he a mudança da devída proporção, que existe entre o oxygêneo e as outras substâncias, e a formação de outras ordens de combinações.

§. XL.

Independentemente das referidas causas (§. XXXIX.) tudo o que for capaz de impedir e atalhar o progresso da fermentação natural, que incessantemente se effectúa no corpo, deve contar-se no numero destas causas. Aquelles, que conhecem a influencia da temperatura do ar, da electricidade na fermentação *inorganica*, não duvidarão do que assevero ácerca da fermentação *organica*.

§. XL.

A febre pode tambem originar-se de todas as causas internas preexistentes no corpo, ou que podem nello desenvolver-se.

§. XLII.

Os solidos do corpo humano estão sujeitos á ação das sobreditas causas, tanto internas como externas (§. XXXIX, XL, e XLI), entre as quaes cumpre contar a reacção intellectual (§. VII), a qual perturbando as funções dos músculos, dos nervos, dos vasos, &c., produz o fenômeno, que chamamos *febre*.

§. XLIII.

Das diferentes explicações,
que

que acabamos de fazer, parece que podemos concluir que a causa proxima de todas as febres consiste ou na quantidade minima de oxygeneo introduzido no corpo, ou na combinacão doença deste principio, ou na accumulacão e soltura das substancias simples, tales como o azoto, o hydrogeneo, o carbonio, o enxofre, o fosforo; ou alsim, em todas as combinacões possiveis destas substancias, quer entre si, quer com as substancias exterjas capazes de as modificar, como o calórico, a luz, a materia magnetica, electrica, &c.

§. XLIV.

Cada huma destas substancias (§. XLIV) pôde occasionar mais ou menos o estado, que cha-

chamamos *febre*; o foco em que a sua accão se desenvolver, a natureza da accão, a maneira como a incitabilidade das partes organicas for ali affeigada, são cousas, que podem variar, e por tanto, constituir as diferentes especies de febres. No tocante á determinação exacta das relações, que ha entre estas variedades, ha o que não podemos assignar segundo o estado actual dos nossos conhecimentos de medicina.

§. XLV.

Sempre que designamos o estado de enfermidade com o nome de *febre*, cumpre para a exactão deste nome, que a proporção do oxygêneo com as outras substancias do corpo humano, não seja como no estado de saúde: acon-

que acabamos de fazer, parece que podemos concluir que a causa proxima de todas as febres consiste ou na quantidade minima de oxygeneo introduzido no corpo, ou na combinacao doen-
tia deste principio, ou na accu-
mulaçao e soltura das substancias
simples, tales como o azoto, o hy-
drogeneo, o carbonio, o enxofre,
o fosforo; ou alfin, em todas as
combinacões possiveis destas sub-
stancias, quer entre si, quer com
as substancias exterjas capazes de
as modificar, como o calórico,
a luz, a materia magnetica, ele-
ctrica, &c.

§. XLIV.

Cada huma destas substân-
cias (§. XLIV) pôde occasionar
mais ou menos o estado, que
cha-

chamamos *febre*; o foco em que a sua ação se desenvolver, a natureza da ação, a maneira como a incitabilidade das partes orgânicas for ali afetigada, são causas, que podem variar, e portanto, constituir as diferentes espécies de febres. No tocante à determinação exacta das relações, que ha entre estas variedades, he o que não podemos assignar segundo o estado actual dos nossos conhecimentos de medicina.

§. XLV.

Sempre que designamos o estado de enfermidade com o nome de *febre*, cumpre para a exactão deste nome, que a proporção do oxygêneo com as outras substâncias do corpo humano, não seja como no estado de saúde: acon-

acontece neste caso por causas moraes ou fysicas que as ditas substancias excedem ao oxygêneo, tanto separada como collectivamente.

§. XLVI.

Quanto maiores forem as forças das faculdades organicas para restabelecer aquella proporção de oxygêneo da qual resulta o perfeito equilibrio, tanto mais facil será a curaçao desta ou daquella especie de febre; e para que esta cura se consiga será preciso suprir a falta de oxygêneo com as devidas cautelas, a fim de não lesar alguma entranya necessaria á vida.

§. XLVII.

O oxygêneo deve ser o efficacissimo meio de curar a febre,
por

por quanto seja qual for a causa proxima desta enfermidade, a causa primitiva he sempre a falta absoluta ou relativa de oxygeneo (§. XXXVII). No caso de ser relativa a falta do oxygeneo, pode fazer-se mui bem que a sua quantidade seja maior do que a necessaria para manter o equilibrio de que resulta a saude, mas entao acha-se combinando com diversas bases *oxydaveis* ou *acidificaveis*, das quaes não pode separar-se mais, e em tal caso estas bases obram como potencias irritantes. Se alguem poise maravilhar do que tenho dito acerca do oxygeneo rogo-lhe que pondere com madureza as considerações seguintes :

1.º Todas as substancias conhecidas, simples ou compostas, tem huma inclinacao con-

ti-

tinua para se combinarem com o oxygeneo preferindo-o a outro qualquer corpo, sendo reciproca esta inclinação.

2.º A dita inclinação não he prova de ser o oxygeneo essencialmente opposto ás mesmas substancias, por quanto as queima sem nunca poder ser queimado.

§. XLVIII.

Sendo as febres originadas da falta do oxygeneo (§. XXXVII), não podem remediar-se senão subministrando aos enfermos este principio; mas como he impossivel de obter-se só e illhadamente, cumpre escolher aquellas substancias com que está mais pura e simplesmente combinado, em huma palavra aquellas, que tiverem ex-
pe-

perimentado a mais completa combustão; estas pois são os acidos.

§. XLIX.

Todo o acido he huma substancia queimada pelo oxygeneo, e composta delle e de huma base acidificavel: des o instante da sua combinação, estes dous corpos não são já os mesmos, que dantes eram mas sim hum terceiro corpo, no qual se acham confundidos, e que chamamos *acido*. Quanto mais prevalear neste producto o oxygeneo, mais proprio será para a curação da febre.

§. L.

De todos os acidos, os mineraes são os mais saturados e far-

fartos de oxygeneo; além disso, possuem a importante propriedade de se oppor segura e promptamente á excessiva desenvoltura do calórico; e portanto deve-se usar delles com preferencia aos outros medicamentos.

§. LI.

Talvez se faça a isto (§.L.) huma objecção, e he que, não sendo hum acido o oxygeneo, he até hum corpo em que este está tão intimamente combinado, que não pôde separar-se facilmente, e por tanto parece que não deve produzir o effeito esperado ou promettido, conforme a minha theoria, isto he, do oxygeneo livre e separado. Ora a esta objecção occorrerei unicamente com os seguintes feitos:

Lo-

1.^o Logo que se combina qualquer acido com outra substancia, effectua-se huma verdadeira combustão, a saber, esta substancia tira-lhe o oxygeneo; reputamos a dita combinacão por huma verdadeira combustão, por quanto combinando-se hum acido mineral com as materias animaes, ou vegetaes obtém-se o mesmo producto, que resulta da combustão, a qual he mais ou menos viva, mais ou menos complecta, conforme a maior ou menor força do acido; em todos os casos porém ha sempre combinacão do oxygeneo.

2.^o O mesmo producto deve haver no corpo humano; des o momento que hum acido se introduz nelle, combina-se com as substancias, que encerra, e

as queima, segundo o acido h₂ mais ou menos diluido na agua, ou noutras substancias, e conforme o maior ou menor grão da temperatura do corpo humano: tenho que as substancias, que não se podem decompor pela química experimental, como o acido muriatico, se decomporão no mesmo corpo vivente, porque o muriato de soda ou sal marinho parece ser de absoluta necessidade á raça humana, e a sua^a base hum dos elementos do seu corpo, posto que nos seja desconhecida (4).

§. LII.

Havendo asseverado (§. L.) que os acidos mineraes possuam a propriedade util de oppor-se rapidamente a excessiva desenvol-

tura do calórico, cumpre fazer aqui alguma explicação para não parecer contraditorio com o que a experiência ensina a este respeito. Primeiramente advirto que nunca podem administrar-se os ácidos mineraes como remedio no seu estado puro e concentrado, e que carecem sempre de outras substâncias, que diminuam a sua força, ou os diluam e lhes sirvam de *vehicula* ou *excipiente*. Quando o ácido se combina com os fluidos orgânicos, o calórico desenvolve-se e combina-se com a substância empregada para diluir o ácido, a qual tem huma grande inclinação para sorver o calórico, que ella perderá na sua primeira combinação com o ácido. O calórico huma vez combinado, não pôde mais separar-se ou restituir-se ao estado de libe-

dade, que constitue o que chamamos *calor febril secco*, mas deixa o corpo e sae pela via natural das secreções e das excreções.

§. III.

Sem embargo de ter mostrado (§. XIV.) o que se deve ajuntar da objecção daquelles, que reputam o calórico, o oxygeneo, o azoto, e o hydrogeneo por entes hypotheticos ou suppostos ; todavia torno ao mesmo assumpto, porque nunca ha sobegidão, a meu entender, no que se diz á cerca das verdades fundamentaes da sciencia. Verdade he que a natureza destas substancias nos he desconhecida, visto que a sua existencia só he manifestada no momento da sua combinação com outra substancia opposta ; o feito

po-

porém mostra ser muito possível
não conhecermos huma substância,
iudaque na verdade exista ;
e todas aquellas de que acabámos
de fallar estão neste caso ,
sendo com tudo real , mui verda-
deira e conhecida a sua existen-
cia no instante em que se com-
binam entre si , ou com outros
corpos. No tocante ás provas re-
netto-me á complecta analyse ou
decomposição dos gazes compos-
tos do calórico commun e oppo-
sto a todos , e da sua particular
base ; á decomposição da agua
nos dous gazes , a saber , o oxy-
geneo e o hydrogeno , os quaes
novamente combinados produzem
a mesma quantidade de fluido li-
quido ; á decomposição do ar at-
mosferico , composto de oxygeneo
e de azoto ; finalmente á dos aci-
dos formados todos de oxygeneo
e

e de huma base acidificavel. E termino dizendo que a

1.^o *Hypothese* he huma suposição ou conjectura que se faz para conseguir certas resultas, as quaes podem ser verdadeiras ou falsas, segundo a verdade ou falsidade dos caleulos, isto he, segundo estes são ou não conformes á natureza das cousas. Assimque a *hypothese* não suppõe essencialmente feitos.

2.^o *Theoria*, ao contrario, he sempre huma ensiada de feitos assaz contestados e coordinados; a qual pôde alterar-se, visto que o systema dos nossos conhecimentos pôde crescer e engrandecer-se. Os feitos porém são sempre existentes, e hum fei-

feito bem examinado, he hu-
ma verdade eterna.

§. LIV.

Sendo pois a theoria (§. LIII.2) a entada de feitos, pôde servir para aclarar tal ou tal ponto es-
curo desta ou daquella sciencia. Aqui, por exemplo applicamos a theoria da quimica moderna á me-
dicim practica: Ora se a expe-
riencia nos provar que a cura de
todas as febres depende do resta-
bleimento da conveniente e de-
vida proporção de oxygeneo, e
que por conseguinte os acidos são
as substancias a que deve dar-se
a primazia, necessaria e forcosam-
ente concordaremos na exacção
e utilidade desta applicação.

§. LV. e LVI.

Havendo considerado a febre como huma espécie de fermentação, durante a qual, certos elementos do corpo se apartavam uns dos outros, e formavam outras ordens de combinações (§. XXVII), deve nella acontecer alguma causa semelhante aos fenomenos da fermentação fysica, salvo com tudo as modificações que as condições da vitalidade lhe devem dar.

§. LVII.

Ora sabendo nós que a fermentação fysica pôde ser modificada por certas circunstâncias, como a maior ou menor temperatura, a addição de matéria capazes de a excitar ou enfraque-

cer, devemos crer que a febre pôde igualmente ser acompanhada de certas circunstâncias, que favorecem ou suspendem o restabelecimento do equilíbrio.

§. LVIII.

Assim como o producto da fermentação fysica não se effectua de um jacto, mas d'espaco e em tempo limitado, assim também a febre, que é producto da fermentação orgânica, se desenvolve e termina em certo espaço de tempo, que a natureza determina.

§. LIX.

A fermentação *inorgânica* ou fysica corre necessariamente os diversos graus da *escala da fermentação* primeiro do que chegue ao que

que a constitue producto, no qual ella pára; a febre também corre necessariamente os diferentes gráos da sua escala antes de chegar ao seu termo, e de acabar e extinguir-se com o seu producto, que he a *crise*; a massa febril pode ahegar-se mais ou menos a este deradeiro grão da escala da fermentação, e por conseguinte ser mais ou menos prompta e feliz a sua terminação: Ora he sabido que ha meios de aproximar a massa febril a este ultimo grão, isto he, de apressar a fermentação orgânica; sendo por tanto a curação da febre mais ou menos breve, segundo os meios de que se usar. De mais tendo eu dito também que a terminação da febre dependia do restabelecimento da conveniente e devida quantidade de oxygeneo (§. LIV) ;

todos os meios que forem azados para cooperar a este fim deverão antepor-se a outro qualquer.

§. LX.

Guido eu pelos sobreditos principios; convencido intimamente da applicação indispensável do galvanismo á explicação dos fenômenos do corpo animal, tanto no estado de saúde como de enfermidade, que tem relação com o movimento; ensinado pela multidão de experiencias galvânicas que as funções das partes orgânicas se mantém unicamente pela contínua e reciproca ação das forças opostas, ação de que o oxygêneo e as substâncias acidificáveis me parece ser a causa, considerando, além disso, que os ácidos podem até chegar a destruir a *incitabilidade*.

dade; conduzido emsím pela observação diaria do instineto dos febricitantes, que os faz sollicitar os ácidos e todas as substâncias fartas de oxygêneo, e sabendo o feliz uso, que delles se tem feito em todos os tempos, posto que não se tenha discorrido sobre a causa destes successos; eu tinha sobejâ razão de reputar os ácidos mineraes por medicamento o mais usado para a cura completa das febres, e até de presumir que com elles conseguiria resultados igualmente favoraveis, empregando-os nos ultimos periodos das febres onde a morte parece proxima; periodos em que nenhum medico pensou em os administrar (5).

§. LXI.

Autorisava-me particularmente

te a ter esta esperança (§. LX) por bem fundada a identidade ou semelhança do periodo, que, a meu entender, ha nas febres sem lesão essencial de *órgãos*, sejam quaes for as suas modificações accessórias. Com effeito se não perdemos o ponto do que dissemos acerca do derradeiro grão de fermentação doentia, ver-se-ha que, sendo este sempre o mesmo, o perigo que elle essencialmente constitue, ha também sempre o mesmo. Quanto mais a matéria orgânica corre com velocidade os diferentes grãos da escala, tanto maior ha o perigo; e tanto menor, quanto ha menor esta velocidade. Este progresso rapido ou vagaroso procede da influencia maior ou menor das causas internas e externas, e das affinidades mais ou menos repetidas,

que

que se effectuam entre as partes elementares do corpo vivente.

§. LXII.

Primeiro do que tudo tratava-se de determinar a quantidade dos ácidos, que podia sem risco darse. Como o meu corpo era já ayezado a muitas experiencias de química e de galvanismo, liberei-me a experimentar nelle os efeitos dos diferentes ácidos, começando pelo ácido *sulfúrico* ou *vitriolico*, em razão de ser o mais forte, e de haver-se em todo o tempo usado internamente com felicissimos sucessos; gozando, além disso, da propriedade de decompor-se facilmente pelo carbonio e o *hydrogêneo* numa temperatura subida. Comecei a tomallo em pequena quantidade augmentando-a pou-

pouco e pouco por grãos; enfim, o que me pareceu incrivel, se eu não experimentasse, cheguei a tomar numa onça (*seis onças e meia e doze grãos do peço Portuguez*) de acido sulfurico concentrado no espaço de huma hora, numa indigestão que causei de proposito. Não experimentei mais do que grande tezura na regiao do ventre, acompanhada de copiosa ventosidade que saia por cima, e no dia seguinte, depois de passar a noite inquieta e perturbada por sonhos, descomi muitas fezes aguacentas. Nesta experienca tive o cuidado de diluir e enfraquecer o acido sulfurico em muita agua.

§. LXIII.

Passado algum tempo depois
des-

desta experiência (§. LXIII. 11 de Dezembro de 1796.) tive occasião de ver huma enferma com todos os signaes de morte proxima, a saber, solucoes, sobresaltos, distendões, carpholegia. (6) Reputando todos elles por outras tantas convulsões galvanicas, produzidas pela desenvoltura de substancias oppostas no oxygêneo, restribuido em na resulta de alguns experimentos feitos nos animaes, entendi que podia diminuir esta extrema *inabilitade*, oferecendo ás ditas substancias destrutivas o entremecio de huma combinação facil.

§. LXIV.

Deliberei-me por tanto a dar o acido sulfurico concentrado, misturando com gottas delle cem duas par-

partes de agua, e para evitar o assobio, que faz quando se lhe bota agua, assobio, que amedrontaria a enferma, o misturei com suficiente quantidade de agua e de xarope de framboesa, e o dei á enferma, mas o revessou logo, e por isso o dei depois em duas doses de cincuenta gottas cada huma. Como não o vomitou mais dei as cem gottas em cada huma das duas doses ultimas, que lhe fiz tomar.

§. LXV.

O ventre da enferma estava extremamente ventoso, o que procedia, a meu ver, da desenvol-
tura notável de gazes mistos, mo-
tivo que me determinou a expe-
rimentar a applicação de hum
meio externo capaz de modificar

E

es-

estes gases; e conhecendo eu os felizes sucessos dos elisteis com vinagre nos casos de malignidade, deliberei-me de experimentar outro meio semelhante, a saber, um elister de ácido muriático ou marinho diluído em água, com preferência ao ácido sulfúrico, já por ser mais fraco e mais volátil do que este, e já porque, separado em forma de gaz, se combina facilmente com os outros. Mandei pois botar-lhe um elister de água quente com quarenta gotas de ácido muriático, o qual provocou um copioso curso, acompanhado de muitos flatos de que resultou notável alívio: este decidido e real melhoreamento me animou a dar segundo elister, cujas consequências corresponderam às minhas esperanças, ficando salva a enferma do emi-

eminentissimo perigo no espaço de algumas horas.

§. LVI.

Animado eu por huma cura tão maravilhosa (§. LXV.) , repeti a minha experiência com as devidas cautelas em infinitos casos , e tive occasião de convencer-me pela practica a mais feliz , que nenhuma enfermidade conhecida com o nome de febre , resiste aos *acidos mineraes* applicados como medicamentos , que a cura se effeitura em brevissimo tempo , sempre que não ha lesões organicas essenciaes , e nem o medico nem o enfermo commette erros.

§. LXVII.

Muito tempo ha que eu usava do acido sulfurico, segundo já disse (§. LXII, LXIII, LXIV), mas vendo por experiecia que os enfermos muitas vezes o recusavam, que a sua ação era assás lenta, impedindo-lhe a sua pouca volatilidade ceder facilmente o seu oxygente; que algumas vezes produzia incommodidades no estomago, delibereis-me, depois de infinitas ponderações, a substituir-lhe o *acido muriatico*, no qual descubria a util propriedade de volatilizar-se mais do que todos os outros acidos, além de poder darse em quantidade muito maior do que o acido sulfurico; e havendo conseguido com elle na practica effeitos tão felizes como com este ultimo, não hesito em

re-

recommendallo com preferencia a todos. Permitisse-me de advertir que estou admirado de nunca se cuidar em investigar quaes podiam ser as utilidades do uso do acido muriatico, sendo elle 1.^o de sabor mais agradavel, e os enfermos não o recusarem tanto como o acido sulfúrico; 2.^o sendo o mais volatil de todos; 3.^o Constituindo com a soda ou *alcali mineral* hum sal necessário e indispensavel ao homem, *qual he o muriato de soda ou sal marinho*, que a maior parte dos animaes busca com ansia, e que he abundantissimo na natureza; e como tudo tem hum fim, eu o reputo por importantissimo á economia animal. Não responderei agora ás objecções, que poderiam fezer-se á ceter de não poder decompor-se o acido muriatico nos labora-

torios químicos: no tocante a isto, remetto-me ao (§. LI.) (7)

§. LXVIII.

Sendo pois conformes á natureza das cousas os fundamentos, em que me restribo, para recommendar os ditos ácidos em todas as especies de febres, devia conjecturar que se tiraria igual utilidade dos outros ácidos mineraes, dados nas mesmas circunstancias; com effeito a experiência converteo a minha conjectura em certeza. O primeiro que experimentei foi o ácido nítrico com o qual consegui effeitos estupendissimos, particularmente nas dysenterias, nas diarrheas chronicas e dolorosas. Sem embargo disso tenho-me abstido do seu uso em muitas circunstancias, 1.^o por

scr

ser menos volatil do que o acido muriatico ; 2.º por não poder decompor-se inteiramente, e formar com o azeto o acido nitroso a porção de oxygeneo separada ; o qual acido nitroso, segundo a engenhosa theoria de *Mitchel*, difere pouco dos elluvios de que se originam as horrendissimas epidemias ; 3.º emfin por haver observado muitas vezes que o seu uso causava aos doentes huma notável inchação ventosa. (8.) Tenho usado tambem do acido fosforico em alguns casos urgentes, mas com elle não obtive sucessos assas notaveis, talvez por ser o mais fixo de todos os acidos ; demais a sua carestia obstaria ao seu frequente uso (9). As resultas do acido muriatico oxygendo foram muito mais felizes, mormente nos casos de subita es-

sacão de oxygeneo, como no estado modorrento. Todavia não creio que mereça preferir-se ao acido muriatico por conter este realmente muito menos oxygeneo do que aquelle. Não fallo dos acidos vegetaes, inda que des largo tempo a sua utilidade seja reconheida nas benignas enfermidades febris: nem assento que deva prescrever-se estes acidos nas febres hum pouco graves, visto que contém grande quantidade de hydrogenco e de carbonio (10).

§. LXIX.

Ora para que todos os referidos acidos (§. LXII. até LXVII. incluso) obrem com maior efficacia, convém applicallos imediatamente aos órgãos geraes da nutrição, isto he, ás vias da digestão:

tão: no estomago he que a sua ação tem maior energia, e depois no canal das tripas por meio de cisteis. A sua applicação à pelle offerece também grandes utilidades; usase delles já em banhos, já em fomentações, tendo a cautela de os diluir e enfranquecer em suficiente quantidade de agua.

§. LXX.

Antes de expor mais circunstâncias do modo de administrar os ácidos, julgo necessário responder a huma objecção, que poderia parecer bem fundada, e he: § se ha meios conhecidos e certos de sanear as diferentes espécies de febres, para que se ha de recorrer aos ácidos? Estes meios, cuja eficacia está certes-

ta-

tada pela experiecia, são além disso huma prova de que os acidos não são tão necessarios e indispensaveis como se pretende. A esta objecção responde que 1.º todos os medicamentos ategora usados contra as febres são substancias mineraes mais ou menos acidificadas (azedadas), ou vegetaes mais ou menos ricas de oxygêneo livre, ou de oxygêneo combinado; o que dissemos a traz sobre a utilidade das substancias mineraes acidificadas, e ácerca das vegetaes faltas de oxygêneo livre, isto he, dos acidos nos dispensa de entrar em novas explicações. Unicamente restamnos explicar o modo como os vegetaes faltos de oxygêneo combinado, isto he, de oxygêneo, que faz parte constitutiva do seu ente, podem curar a febre; 2.º tenha-se presente o que

que tambem dissemos (§. XVIII) que o oxygêneo entrava como princípio negativo na organização do corpo animal, no qual estava num a especie de conflito contínuo com os principios oppostos ; devendo entender-se igualmente a respeito do corpo vegetal que se tambem organizado, como todas as experiencias comprovam ; 3º os experimentos de *Fourcroy* demonstram que a quina contém muito oxygêneo ; as cascas indigenas com que a quina se tem substituido para o mesmo fim contêm igualmente o oxygêneo ; o qual, segundo as minhas experiencias, existe nellas na razão directa da sua densidade. As plantas aromáticas e os seus productos indiretos, a saber, as resinas, os óleos volatéis, ou ethericos, os espíritos, sobre tudo o alcohol, os etheres

res

res e o alcanfor encerram muito oxygêneo combinado, assim como o opio. Em summa toda a natureza vegetal offerece diversos gás de oxydacion, que escapam á decomposição química dos mesmos laboratórios, mas que interessam nos poderosos medicinais do laboratório da natureza (17). Estou pois inclinado a crer, e firmemente acredito que os gás que se decomprimem o oxygênio combinado dos vegetais ; creio também que os medicamentos, que constam de princípios opostos ao oxygênio, podem effectuar a cura das febres, combinando-se com as substâncias do corpo humano, e pensso que he desta maneira que obram os irritantes voláteis usados com utilidade nas febres ; de posso que estou muito longe de negar a possibilidade da decom-

posição do oxygêneo combinado, como pode acontecer que a natureza não se ache nas circunstâncias favoráveis de efeituáre esta decomposição pela falta aboluta ou relativa de oxygêneo, penso que he infinitamente mais prudente usar dos meios, que suprem imediatamente a dita falta de oxygêneo. Ora se na vida comum se demanda e segue a via mais direita e a mais singular, porque não se praticará o mesmo na medecina.

§. LXXI.

Concordo todavia em que podem existir casos nos quaes seria mais prudente administrar os medicamentos, que obram *mediamente* do que aquelles cuja ação he imediata. O vomitorio, por

por exemplo, as purgas, os elis-
teis podem muitas vezes antepor-
se a outro qualquer medicamen-
to, vistoque provocam a evacua-
ção de matérias cuja demora des-
envolveria incessantemente hum-
novo irritante febril. Os banhos
e as fomentações podem igualmen-
te concorrer para a cura das fe-
bres, produzindo o equilíbrio do
calórico necessário em toda a eco-
nomia animal. Precedentemente
declarámos o modo de aumentar
pelos ácidos a sua efficacia. Pro-
ponho-me alfin a publicar huma
obra na qual descreverei as cir-
cunstâncias em que reputo por
necessario o uso dos medicamen-
tos auxiliares de que acabo de
fallar.

Qual

§. LXXII.

Qual he a quantidade de acidos necessaria para complectar a cura radical de huma febre? Esta pergunta não me parece de natureza tal, que possa resolvê-se, por quanto nunca conhecemos a somma exacta das potencias irritantes, devendo nestes casos ser o seu sucesso a nossa unica regra. Pertence, pois, á perspicacia dos medicos determinar a applicação, e uso dos acidos, por tal que se consiga a cura sem offendere nenhum orgão. Seria ridicularia exigir-se de mim, que marcasse as quantidades dos acidos, com que se pode sanear esta ou aquella febre em certo espaço de tempo. A administração destes medicamentos dependerá sempre do medico sabio e allumia-

miado, tanto que o homem ignorante obrará sempre cegamente e às apalpadelas.

§. LXXIII.

He huma regra geral de therapeutica, que cumpre ter sempre presente, que na prescripção dos medicamentos deve haver huma sabia e prudente discrição. Se dará portanto os acidos mineraes (§. LXIV., e LXVIII.) no principio e no crescimento das febres, mas em pequenas e muitas vezes repetidas quantidades, por exemplo, de huma oitava (60 graus portug.) até meia onça (tres oitavas e hum escrúpulo portug.), misturados com huma ou muitas onças de xarope, e se pode ajuntar-lhes, se as circunstancias o exigirem, algumas oitavas

tavas de qualquer substância espirituosa ou irritante (12). Desta bebida se dará uma ou duas colheres de hora em hora, ou de duas em duas horas, e se irá aumentando até meia taça, tendo o cuidado de diluir com água cada dose, ou de a beber em cima, o que lhe indiferente. No caso de perigo, ou no momento de crise sempre dar no mesmo tempo des húmum óitava (sessen-
ta graus pura), ou de duas oitava (huit degrés et deux esca-
pules puras) (C. S. M., I., e
LX.), ou com gotas, e re-
petir-se a bebida quando o exi-
gir o caso. Como o ácido sulfu-
rício é mais forte do que os reis-
dos muitas certas, deve dar-
se em menor quantidade; pelo
contrário sendo o ácido muriati-
o oxygenado mais fraco de to-

F — — — — — do,

dos, se dará em grande quantidade, isto he, das huma onça (seis onças e dois escropulos portug.) ate duas (onça e meia, tres onças e hum escropulo portug.) por cada vez de meia em meia hora, ou de hora em hora. Cheguei a tomar deste acido oito onças (sue onças, cinco onças e hum escropulo portug.) no espaço de quatro horas, e muitos dos meus enfermos o tomaram na dose de doze onças e mais (dez onças e mais portug.) no mesmo espaço de tempo, sem que provoçasse senão dous ou tres cursos aguaceentos.

§. LXXIV.

Vê-se finalmente que a força intensa dos acidos não he realmente essencial; a presença dos

si-

signaes mais ou menos favoraveis deve ser a unica regra que sirva de guia ao medico; ora sera necessario diminuir, ora aumentar a dose; e qualquier que seja a força ou a fraqueza dos acidos se poderá sempre remediar segundo as circunstancias. Com tudo para a exacção das resultas he melhor usar-se do acido, cuja força seja constante e bem conhecida (13). No tocante ao uso mais ou menos dilatado do medicamento pertence tambem ao medico, visto que a practica pôde offerecer infinitas variedades. No segundo volume dos *Casos das enfermidades* marcarei mais particularmente a quantidade, que tenho dado em cada huma delas.

§. LXXV.

Como algumas vezes os enfermos sentem tanto o sabor forte e desagradável dos ácidos, que carecem de grandes cautelas para os tomar, se necessário diluí-los e entraquecellos com suficiente quantidade de agua ou ados-
callos com algum xarope, advertindo-se todavia que elles estão entraquecidos. Será mais facil de-
dar o ácido em grande quantida-
de ao enfermo, que estiver em
perigo, aproveitando esta circuns-
tancia. Da pouca cautela com que
ás vezes o medico dá o ácido,
resulta as gretas dos beicos e da
superficie interna da boca; estas
gretas com tudo devem attribuir-
se de ordinario a huma dispo-
ção para a esfoladura originada
da violencia e malignidade da

molesia. Quando se dá os aci-
dos a tempo com as cautelas,
que tenho declarado, não se de-
ve temer a excoriação do estoma-
go, por quanto elas têm muito
maior afinidade com as substân-
cias dildas e gazoas, que, du-
rante a febre, existem sempre no
estomago e nas tripas, do que
com o carbonio de que consta a
teia de teu organo. O uso dos aci-
dos embota imediatamente os
dentes, porém lhe incomodida-
de, que nada prejudica. Exce-
ptas as enfermidades chronicas,
nas quaes elia mostra algumas ve-
zes que lhe preciso descontinuar
o seu uso.

§. LXXVI.

Bem que os signaes do Su-
cesso favoravel, depois do uso dos
aci-

acidos sejam extremamente varios e inconstantes; com tudo deve-se contar como annuncio do proximo restabelecimento da saude, quando sobrevem á crise perigosa, os symptomas seguintes: vomitos apenas se acaba de engolir, borbotinhos na regiao do ventre, grande copia de ventosidades, camaras ás vezes violentas, elevacao do pulso, augmento ou diminuicao do calor, suores, salivacao, excrecao maior de urina, tranquilidade notavel, sono, &c. mas sobre tudo, recobramento dos sentidos que se tinham perdido. Deve-se conjecturar igualmente bem da proxima cura, quando recalle em hum sono cheio, pacifico, durando o qual, a velocidade do pulso se diminue e aqueta. Em quanto aos indicios mais circunstanciados,

dos, veja-se os meus *Casos das enfermidades*.

§. LXXVII.

Eis-aqui o que a observação me tem ensinado acerca dos signaes mortaes : nódos ou pintas no corpo e na cara ; um olho meio aberto, e outro parafyado ou fechado ; a cornea, que ao principio, com o uso dos remedios era mais clara, agora está novamente turva ; diminuição do sentimento, depois de huma vez recobrado, e ao mesmo tempo a cara cadaverica, ou, como se diz *hipocratica* ; crescimento do estertor ; intercadencia, inconstancia, desigualdade do pulso. Todos os outros symptomas, que os medicos reputam por signaes de morte, me tem pareci-

cido incertos, e a sua resulta-
nça variável, ora fúnesta, quan-
do não acompanhavam aquelles,
que acabou de expir; em todos
es destes casos, porém, é necessário co-
nhecer duas com outros Symptomas
específicos; o que unicamente
pode adquirir-se pela longa e la-
boriosa experiência. Em huma pa-
tologia, deve o médico empêclar-
se em possuir aquella grande e
singular arte de individualizar, e se-
guramente prognosticar, e causa-
r em todas as regras da therape-
utica não podem ensinar.

§. LXXX.

Os principios expostos nesta
memoria devem considerar-se inter-
icamente como os pontos cardinaes
do meu systema das febres, e que
são os mais importantes ao pra-
ctis-

etico, por tal que meditando-os
grangearia a arte de tratar felis-
mente todas as enfermidades co-
nhecidas com o nome de *febres*,
entre as quais conto a *hydretos-
tia*. Reservo para outra obra,
que saira à luz com o título de
Doctrina das febres a desenvolu-
ra e explicação mais ampla dos
ditos pontos. Talvez que me re-
prochem por ter applicado a qui-
mica à medicina; mas eu já de-
fini o que entendia pela palavra
quimica, e a amplidão que lhe
dava (§. VI.) Julgo esta appli-
cação tão essencial que estou as-
saz convencido de que a ella de-
verá a medicina os seus utilissi-
mos descobrimentos. A experien-
cia em fin tem comprovado o
que eu olhava somente como pro-
babilidade. Os feitos appoiam as
minhas conjecturas, e confesso
que

que não conheço prova mais segura, nem menos equivoca. O meu sistema, se na verdade he hum sistema, tem além disso a util vantagem de reunir todos os outros em hum só ponto. Tendo empregado toda a minha vida na investigação dos meios, que podiam ser úteis aos homens; dar-me-hei por bem pago das minhas fadigas e dos meus penosos trabalhos, se alguns me devem a sua existencia. Término esta memoria por hum summario das utilidades que julgo resultam do meu methodo de curar as febres, summario que eu já fiz ante a commissão real.

§. LXXX,

A primeira destas utilidades he que, mediante os principios, que estabeleci á cerca da constitui-

tução orgânica do homem, se poderá erguer hum edifício menos imperfeito em fisiologia e em pathologia, do que aquelle, que alegora tínhamos; os que desejarem conhecimentos mais amplos, recorram ás obras de *Humboldt*, *Heil*, *Schelling*, e *Ritter*, os quaes, depois do meu descobrimento, seguiram mais ou menos o mesmo rumo,

§. LXXXI.

A segunda das ditas utilidades he que se poderá daqui em diante observar todas as enfermidades febris, sem exceção, debaixo de hum ponto de vista mais exacto, curallas com maior segurança e promptidão, evitar em brevíssimo tempo o perigo, em todos aquelles casos em que não

es-

estiverem lesos os órgãos necessários à vida, e em que não houver nenhuma particular complicação; e em geral abreviar o termo da enfermidade e obviar os symptoms mais perigosos. Não procurarei aqui de captivar a opinião dos médicos; e en tão tenho exposto as razões que me obrigaram a ofertar as telhas sob hum novo ponto de vista; e a elas toca dizer que estas razões e ver-se a experiência as confirma. Nem tenho pretendido dar hum meio, cuja eficácia fosse infalível em todos os casos; para isso seria necessário exceder a raia de honestidade; que quanto posso certificar a este respeito, é que em infinitos casos em que, segundo as infinidades *scientificas* conhecidas, não havia que esperar, consegui com o meu methodo cur-

rativo o perfeito restabelecimento. Cumple ter tanto as experiências, que em tive occasião de fazer, para entender-se que possas faze-las bastar para desvanecer o perigo. Sem excesso de explicação ou de que o entendimento por perigo; todos os meios os sabem o que querem; em expressão se devem entender; imediatamente advirto que atendendo mais ao *essencial* do perigo do que à *anfórmula*. Antigamente reputava-se por symptomas de perigo iminente, os sobressaltos dos tendões, a *carphologia*, os solços, o estertor, a cara cadáverica ou *hippocratica*, e então se administrava os irritantes voláteis, os antispasmodicos, e os antisépticos, que se julgavam bem indicados; jamais eu osaria substituir com os ácidos mineraes, se indicações galvanicas

cas e os principios estabelecidos *a priori*, não me tivessem de alguma sorte assegurado antecipadamente a sua efficacia nos mesmos casos. Outros medicos viam nestas circunstancias espasmos, humores góticos ou rheumaticos, cumulos de saburra, ou hum gasto do poder vital, da incitabilidade, &c. e em tudo isto não vejo senão falta de oxygeneo, e em consequencia práctico o meu methodo curativo. Estou convencido ser possível que hum medico, ou por comprehender mal os meus principios, ou por não attender devidamente ao progresso da enfermidade possa ter na práctica resultas penosas; mas em tal caso será elle só o tachado, por quanto eu atrevo-me a prometer huma práctica felicissima a todo o medico, que seguir exa-

cta-

ctamente o meu methodo curativo.

§. LXXXII.

A terceira utilidade, que resulta dos meus principios, he que a curação de muitas enfermidades reputadas ategora por incuráveis ou ao menos por perigosissimas, poderá aperfeiçoar-se muito, e esperar-se com fundamento da sua perfeição huma cura radical. Estas enfermidades são aquellas, que pertencem mais particularmente á classe das febres, indaque offereçam certas complicações, a saber, a *hydrofobia*, a *peste*, a *febre amarella*, a *tísica do bofe*, e em geral todas as *febres tentas* ou *hecticas*. Na verdade depois do meu descobrimento não se me offereceu occasião de tratar das tres primeiras; porém

rem o successo completo que a experiência me oferece em todas as outras espécies de febres, he, a meu ver, huma grandíssima probabilidade. Demais muitos pontos do seu antigo curativo, me provam que a sua curação deve ser conforme á theoria geral das febres. Advirto aos médicos que nos casos de hydrofobia julgo essencial dar os ácidos antes que se tenha declarado algum ataque. Tenho curado muitos tísicos com o uso só dos ácidos mineraes. Nestes casos a febre continua he consequência mui natural da chaga dos bofes, chaga, que se oppõe á introdução da quantidade necessaria de oxygêneo; a exacerbação, que nesta enfermidade se observa de tarde, e durante a noite, assim como em todas as outras febres, procede de estar

en-

então o ar atmosferico mais carregado de azoto. Fundado eu nessa observação lhes dava o acido sulfurico na dose de huma onça (*seis onças e dois escropulos portug.*) n'uma só noite, e o acido muratico na dose de onça e meia (*uma onça e duas onças portug.*); no dia seguinte sentiam-se alliviados, indaque na vespera estivessem em suamo perigo, e assim os curava com o uso moderado destes medicamentos, quando o estado dos seus bofes permittia esta cura. Durante toda a curação eu lhe fazia tomar, de duas em duas horas, quinze, vinte, trinta, até quarenta gotas de acido sulfurico ou muratico, em agua, ou em xaropes, ou ainda melhor em aguardente ou em alcohol, e todos os dias passavam melhor e tão robustos

G quan-

quanto o seu estado permittia. Eu me exprimo assim por causa da maior ou menor lesão dos seus bofes, por quanto se esta lesão he notavel, se os bofes serrosos obstante á entrada do oxygêneo, a cura he então impossivel, visto não caber no poder do medico a reprodução das partes organicas; nestes casos he assaz util fazer respirar o gaz oxygênico; e o unico meio de prolongar a vida destes desaventurados consiste no uso interno dos ácidos. O que acabo de dizer da tisica do bofe, compete a todas as febres lentas (14).

§. LXXXIII.

A quarta utilidade consiste em poder tratar-se daqui em diante por methodo seguro, simples,

é mui economico, as febres nervosas conhecidas com o nome de *podres*, as *dysenterias*, as *enfermidades* dos *arruicos* e dos *hospiates*. Huma velha experiecia des largo tempo tinha feito reconhecer a utilidade do acido sulfurico, dado em pequena dose nestas sortes de febres (15) ; mas como se usava delle misturado com os tonicos, os antisepticos, attribuia-se a estes exclusivamente a sua cura, e todavia empeciava-se a ação deste acido pelo hydrogeneo, e pelo carbonio das substancias com que se dava. Como se ignorava o principio dos acidos, que cura a febre, e o seu modo de obrar, todas as vezes que ao uso dos acidos sobrevinha flatulencia, ou diarrhea, suspendia-se logo este uso ; sendo elles então, como atraç se vio, importantissi-

mos, possuindo a propriedade de neutralizar e de expulsar as substâncias muito irritantes de que procedem estes fenômenos. Em fim, eu penso que a dysenteria, na qualidade de febre complicada com huma doença particular, demanda ser tratada com os ácidos; unicamente permittia no começo da enfermidade o vomitorio, ou as purgas pelas razões allegadas (§. LXXV.). Disse precedentemente como se podia acelerar a cura combinando-se os ácidos com o alcohol, ou aguardente; ninguém ignora quanto estas ultimas substâncias são ricas de oxygêneo. (16)

§. LXXXIV.

A quinta utilidade, que resulta imediatamente da precedente (§. LXXXIII.), consiste em

em poder os medicos dos exercitos impedir a origem e o progresso de huma parte destas enfermidades, tanto quanto está no poderio dos homens. Conseguir-se-ha este fim dando-se aos soldados, principalmente no tempo das fadigas, do máo tempo, ou de outras circunstancias nada favoraveis, hum elixir similar ao de *Haller* por *diaria raçao*; com este meio se prevêñirá as enfermidades terríveis, que roubam mais soldados ao estado do que as guerras mais homicidas.

§. LXXXV.

A sexta utilidade he que as bexigas, o sarampo, a escarlatina, a tosse ferina ou convulsiva, e as outras enfermidades das crianças serão muito menos perniciosas,

sas, a sua mortandade será muito menos notavel, o que constitue huma septima utilidade, que tenho por huma das mais preciosas á sociedade.

§. LXXXVI.

A grande mortandade das crianças, depende, a meu entender, da falsa suposição que no seu estomago existem acidos, e por isso se receitam os alcalis ou os absorventes, cura esta que tenho por excessivamente perniciosa. Apenas acontece huma vez de cem que exista neste orgão similar acido; he sempre huma sorte de formação de acido carbonico, durante a qual, separe-se o calórico, que produz na boca do estomago a sensação dolorosa conhecida com o nome de

py-

pyrosis, ou *ferro quente*. Ora neste caso, os alcalis não podem fazer mais do que palliar a molestia, por quanto sómente absorvem o acido carbonico. Tenho portanto abandonado a curação alcalina nas enfermidades das crianças, e des este momento não me morreram mais do que tres. Nas enfermidades epidemicas os acidos mineraes, dados em grande dose, produziram effeitos assaz maravilhosos; não são estes os únicos casos em que eu os dou; a experiença a mais feliz me convenceu da sua utilidade em todos os acidentes, que acompanham a saída dos dentes ou a *denticão*, nos vomitos, nos casos em que ordinariamente se presume a existencia de hum acido, em algumas especies de convulsões, na tosse ferina ou convulsiva, na

flatulencia ; e como as crianças tomam com muita dificuldade os medicamentos de sabor algum tanto desagradável , será necessário disfarçar aquella do acido sulfurico , misturando-o com maior quantidade de xarope e de agua ; o acido sulfurico se dará na dose de trinta grãos até duas oitavas (oitava e meia e doze grãos portug.) tomando o doente duas colheres da mistura de duas em duas horas. Quando me sirvo do acido sulfurico concentrado , ou do acido muriatico , não o dou senão de trinta até sessenta grãos , e sirvo-me do alcohol para veículo. Havendo dores dou o laudano liquido de Sydenhão , ou a tintura de ópio. Escuso de recommendar a utilidade dos elis- teis , do vomitorio e das purgas em alguns casos. Torno a fallar des-

desta ultima prescripção, porque, tendo as crianças grande repugnancia ao que fere o seu paladar, he muitas vezes impossivel de lhes fazer tomar a quantida- de necessaria á sua curaçao. Não se deve temer de dar os acidos ás crianças nos casos mais extremos; muitas vezes os vi com o estertor da morte, frios, a respiração in- termittente, e serem salvos por este meio; o acido muriatico com as diferentes especies de ether, ou qualquer outra substancia vo- latil oxygenada me tem sobretudo vindo a effeito.

§. LXXXVII.

A oitava utilidade, que re- sulta do meu methodo de curar as febres, he a reforma feliz, que causará na curaçao das ou- tras

tras enfermidades sem febre. Com efeito não há, a meu ver, senão duas classes de enfermidades: as universaes, isto he, as febres, as enfermidades locaes ou organicas; ora muitas vezes acontece que estas derradeiras se mudam em febres, ou são acompanhadas de febres; então pôde admittir-se o meu methodo curativo pelos acidos, junctamente com todos os outros medicamentos, que se costuma prescrever nesta sorte de enfermidades. Não proponho pois hum remedio universal; como parece que entenderam os membros da commissão real; aponto sómente hum meio de curar as febres, o qual, a meu entender, pôde applicar-se a todos os casos em que houver complicação de febres com outras enfermidades locaes.

Fi-

§. LXXXVIII.

Finalmente a derradeira utilidade, que não deve desprezar-se quando os meios propostos oferecem as mesmas resultas, he a economia nas despezas. Até ao presente o Estado tem sido obrigado de fazer grandes despezas com os remedios exóticos; eu mostro hum meio assaz simples de se escusarem; a simplicidade na curação deve ser hum dos fins do medico ilustrado, e eu a reputo por huma utilidade grandissima, e digna da sua attenção.



N O T A S.



N O T A G E R A L.

A Obscuridade desta memoria no original alemão, momente na exposição da parte systematica, obrigou ao D.^r *Marc* de cingir-se na versão francesa ao sentido do autor, e não ás suas proprias expressões; a frequente repetição do mesmo, fez que aquelle suprimisse as repetições, e se remettesse pelos números aos parágrafos em que repartiu a mesma memoria, nos quais são expostos os principios a que se refere. Eu na versão portuguez segui a trilha do D.^r *Marc*.

(1) Eu não creio, diz o D.^r *Marc*, como o autor, que a química vital guarda as mesmas leis, que a química *organica* guarda; facilmente provar com efeito que a força vital pôde operar mudanças, que não concordem com as nossas leis químicas, i.e. porque, sem embargo de todas

as analyses das matérias excretórias e decretórias, não cabe em nosso poder de os preparar fora do corpo, organico animado; 2.º por quanto os feitos tirados da observação da natureza mostram que, depois dos ácidos sulfúrico e nítrico, o ácido muriático he o que tem maior afinidade com os alcalis, de sorte que os muriatos de soda, de potassa e de ammonia, não podem decompor-se senão por aquelles dois ácidos; todavia vemos que as plantas marinhas, dotadas certamente de menor vitalidade do que o corpo animal, decompõem o muriato de soda, e adquirem o alcali mineral ou soda, que se combina com o seu ácido vegetal. Transportando-se pois estas plantas para lugares remotos do mar, não dão mais do que potassa como todas as outras plantas, o que prova que a soda ou alcali mineral provém do muriato de soda ou sal marinho contido na agua do mar.

(2) O ar atmosferico he hum composto de 0,21 de gaz oxygeneo e de 0,76 de gaz azoto, proporção, que varia des 0,22 ate 0,28 do primeiro, e des 0,76 ate 0,72 do segundo. Além destes dois gases, elementos primitivos do ar atmosferico, acha-se neste des hum ate tres centésimos de outro fluido elástico, conhecido

com

com o nome de ácido carbonico, não faltando na agua, no calórico, na luz, no fluido electrico, magnetico existentes sempre na atmosfera, sem que sejam partes essenciaes della. O gaz oxygeneo ou ar vital he o oxygeneo fundido no calórico; chama-se oxygeneo porque muitos corpos que o sorvem, convertem-se em ácidos, e ar vital por ser o unico fluido elastico que entretém, e conserva a vida. O gaz azoto he o azoto combinado com o calórico; chama-se azote por privar os viventes da vida.

(3) Confesso ingenuamente que não entendo como o azoto suspendendo o movimento muscular, exaurindo o poder vital ou a incitabilidade, e matando rapidamente os animaes, possa reputar-se pelo *princípio vital, irritante, incitativo, e positivo ou real*; Acaso o seu effeito será tão rapido, violento e invisivel como o do raio, que aumentando sobremaneira o incitamento, gaste num momento a incitabilidade, produza a debilidade indirecta e assim a morte; Muito menos posso entender como o oxygeneo, que incita o poder vital, aumenta e reforça o movimento muscular, e he em summa hum energico e poderoso incitativo, seja o *princípio vital moderador ou debilitante, temperante e negativo*. Não me

me quadram as razões do autor, e todavia concordo com elle na practica.

(4) O autor, diz o Dr. Marc, reconhecendo que a base do muriato de soda ou sal marinho he desconhecida, ; como pode asseverar que esta base he hum dos elementos do corpo humano? Similhante asseveração parece ao menos atrevida, sendo certo que a fuligem, que resulta da combustão dos animais mantidos com hervas satigadas, contém huma certa quantidade de muriato de ammonia ou sal ammoniacal. (Ora eu não entendo, como o Dr. Marc, que o autor falla da base do muriato de soda, à qual he assaz conhecida, mas sim do seu ácido, cujos principios ainda se ignoram se por ventura não os mostrar Davy.).

(5) Lembro-me, diz o Dr. Marc, de haver dado, há annos, o fosforo internamente com tal successo, que excedeu as minhas esperanças; o enfermo era de setenta annos de idade, e padecia huma febre *ataxica* ou maligna perigosissima; o uso do fosforo o livrou imediatamente deste estado. Em tal caso pois não he á combustão do fosforo e á sua mudança em ácido fosforico, que, segundo a theoria do autor, deva attribuir-se a cura desta febre. Tal-

Talvez se dirá que seria mais simples dar o ácido fosfórico, e que o fosforo empregado, longe de produzir o oxygeneo, devia combinar-se com o oxygeneo dos fluidos com que teve contacto? A esta dúvida responde que attribuiu a cura da dita febre à separação do oxygeneo; e que há casos, a meu entender, em que esta separação pode efectuar-se dando-se substâncias muito combustíveis, e por tanto facilmente acidificáveis. (Muito tempo ha que os Ingleses começaram a usar do fosforo como medicamento incitativo, nós espâmos, na epilepsia, na mania, na etiuidade, nas febres asthenicas, já desfeito em óleo fixo, já em amendoada, e sobretudo no ether; os Francezes e Italianos tem igualmente usando delle com feliz sucesso; sendo dignas de ler-se as obras, que em 1811 publicou o Dr. Martinelli, a memoria que veiu entre as da sociedade da emulação de Paris, e o Jornal de Coimbra do mez de Abril e seguintes de 1812).

(5) *Carphologia* ou *Carpologia* certo movimento das mãos, com que alguns enfermos, especialmente os moribundos, parecem que arrancam com os dedos o cotão dos cobertores e dos vestidos, apanham folhas e pênnas, e caçam moscas. Este movimento

H to ,

to, que muitos autores olharam como contráctivo, he mais effeito da illusão da vista, que começa a turvar-se e extinguir-se. Cumpre que eu advirto que, observando este movimento em enfermidades, que não mostravam perigo, sempre me assustou em quanto não descubri que em homen enfermo era effeito do costume de rezar por contas, e numra enferma de tirar ou fazer flos para feridas e chagas.

(7) Não he novo o uso do acido muriático ou marinho, como remedio prestan-
te nas febres e n'outras enfermidades. Já
Glauber se empenhou em introduzillo na
práctica medica, e com exageração tal das
súas virtudes, que não foi acreditado. To-
davia, reputado constantemente este acido
pelo mais fraco dos acidos mineraes, dello
se tem usado internamente, 1.^o enfraqueci-
do com agua, já como optimo refrigerante
ou antiflogistico, já como incitativo, robo-
rante, antiséptico, &c.; 2.^o misturado e
destillado com o alcohol a que se chamava,
espirito de sal doce, ether marinho sem em-
bargo de existir sempre o mesmo acido,
mais ou menos enfraquecido: era também
mui louvada a tintura antifebril de *Clu-
ton*, em que, alem do acido vitriolico ou
sulfurico entra o acido marinho, o alco-
hol,

hol, &c., cuja composição se pode ver na minha Farmacopéa Lisboneuse. Lembrando de que meus mestres os Senhores Doutores Antonio José Pereira, Antonio José Francisco de Aguiar, Lentes de medicina prática na Universidade de Coimbra, faziam largo uso desta tintura nas febres, e que aproveitava aos enfermos. Este ácido misturado com o vinho constituía noutro tempo o famoso segredo do prior de *Cabrières*. Foi notável o prestígio do mesmo ácido dado na tintura, aperiente do *Mercurio*, a qual, segundo diz *Hoffmann*, he huma solução do sal marinho ou muriato de soda com excesso do seu ácido, e que *Cullen* supria dissolvendo meia onça do dito sal em quatro onças de agua, a que ajuntava duas oitavas do ácido marinho ou muriatico fortíssimo, e desta mistura dava huma ou duas colherinhas em hum copo de agua para aumentar o appetite e suspender os vomitos. A potente virtude deste ácido reduzido a vapores para corregir os lugares inficionados, e destruir os miasmas e effluvios malignos, contagiosos, de que se originam as febres malignas, he assaz conhecida, sendo preferivel o ácido muriatico oxygenado, até nas enfermidades gallicas. Não fallo nas suas virtudes bem conhecidas, applicado externamente; nem na utilidade que delle se co-

lhe botado na agua que se bebe a bordo das embarcações, e que se pôde ler no *Tratado da saude dos portos* do Drº Sanches; o qual fundado nos experimentos do Drº *Addington* (*An essay on the scurvy London 1753*), acha-se ser o acido muratico em espirito de sal o mais seguro remédio, e também o mais facil, deitando-se duas ate tres gotas delle em cada meia canha de agua, ou huma onça a cada dezena almudes, e quando se não usar desta precaucao com a agua fresca, se pôde usar da mesma quantidade de espirito de sal quando apodrecer no mar, e conforme a maior, ou menor corrupção se poderá aumentar a quantidade do dito espirito.

Se nos portos do mar (diz o Drº Sanches) houvesse tal providencia, que se achasse espirito de sal ordinario em abundancia, cada qual com hum frasquinho de crystals que levasse de quatro ate seis onças, com tampon da mesma materia, e huma calxaria de pao, teria com que corregir toda a agua que bebesse pelo espaço de seis meses, mettendo a cada quartilho duas ou tres gotas, mais ou menos, conforme fosse necessario para emendar o mau cheiro, e a podridão desta bebida; e se ao mesmo tempo se deitasse huma colher de aguardente na mesma agua uaria huma bebida incomensuravel.

mente azeda e com vigor, e gosto agradável, e serviria de remedio a todas as queixas, que sobrevem no mar. — O espírito de sal lhe o soberano remedio para corrigir, e emendar a podridão dos navios, &c.

(8) O nome de *uma forte*, que geralmente se dava ao ácido nitroso em espírito de nitro, e a sua qualidade corrosiva, foram sem dúvida o motivo de não usarse dele muito tempo como remedio. O que, segundo *Cullen*, foi um erro, por quanto este ácido convenientemente enriquecido com agua, pode empregar-se com segurança, e goza de todos os poderes e virtudes dos ácidos em geral. Temos bem exemplo do seu uso no *nitrum nitratum* de Boerhaave, no qual existe maior quantidade do ácido que a necessaria para a saturação do alcali vegetal ou potassa, e de que o mesmo *Cullen* fez frequente uso como remedio refrigerante agradável. Porém, depois que se perdeu o horror à sua qualidade corrosiva, e se viu que esta se podia corrigir, adocçar, e destruir, começou-se a usar delle, misturado com agua e assucar, já como efficaz remedio refrigerante, já como incitativo, roborante e antisepico nas febres vulgarmente chamadas *podicas* ou *malgmas*, e

n'outras muitas doenças. A agua azedada com o ácido nítrico diluido, diz o Dr. *Robert Graves*, (*A conspectus of the London, Edinburgh, and Dublin pharmacopæcias*), he huma das optimas bebidas antilegísticas e antisépticas nas enfermidades febris e nôtificas, em que o seu uso tem muitas vezes produzido notável utilidade. Cumpre advertir aqui que há quarenta e quatro annos, eu mesmo tentei o dito ácido com agua e açucar, em vez de limonadas, nas viagens que fiz de mar, nos dias calmosos, e que sempre o tenho dado nas enfermidades febris, em doenças de pelle e gallicas, tendo álm conoscido por observação, ser mais energico e proveitoso no clima quente e húmido da Bahia. Em suíra, he este usado na recomendação pelos medicos e cirurgões ingleses nas referidas febres, na *herpes chronicus*, e com especialidade nas doenças zancas, como se pode ver em *India's, a collection of testimonies respecting the treatment of the venereal disease by nitrous acid*. O mesmo ácido reduzido a vapores desinficiona os lugares inficionados de exhalacões e partículas podres, malignas e pestilenciaes, e ha autores que o preferem ao ácido marinho ou muriatico.

(9) O ácido fosfórico, reputado por astringente ou incitativo venereo, he recom-

men-

mendado por *Lentin* na etignidade purulenta; e delle se usa como incitativo e antisепtico, e como refrigerante. Veja-se o Jornal de Coimbra, mez de Maio de 1812.

(10) Certo que nenhum medico confiou ainda ou confiara unicamente na virtude dos ácidos vegetaes, quer nativos, quer artificiales, para sanear *febres hum pouco graves*; e todavia não pôde entrar em dúvida a sua salubridade já como alimento, já como remedio refrigerante, já como brando incitativo, antisепtico, util nas febres esthenicas e asthenicas, na dysenteria, no escorbuto, &c. A sua utilidade estriba na experiençia de todos os séculos, e na constante observação dos praticos, que delles tem usado, misturados com agua e assucar, por bebida ordinaria, sempre que o calor do corpo he preternatural. A extraordinaria abundancia, que ha dos mesmos ácidos, isto he, das fructas, que os contem, nos paizes e nas estações quentes, comprova a dita utilidade nas referidas doenças, e a providencia da natureza, a qual onde dâ o mal, dâ logo a mezinhal. Não obstante ao seu uso o hydrogenio e o carbonio de que elles constam, porque tambem existe nesses o oxygeneo, e quando a virtude de hum remedio he appoiada na verdadeira observaçao;

ção, frustraços são os argumentos de subtilizadores de theorias. Demais se estes acidos não convém em razão dos ditos principios; porque determina que se ajunte aos ácidos mineraes substancias espirituosas como o alcohol, &c. que abundam de hidrogeno e de carbonio? Lembro-me de ler a dissertação da febre podre de *Knutz*, medico inglez, na qual, depois de recommendar muito o ácido vitriolico ou sulfurico diluido, asseverava que se curava mais facilmente se os ingleses possuisssem os limões, que os portuguezes possuem. As virtudes do sumo de limão, poderoso e agradável antiseptico, crescem muito, diz o Dr. *Wright*, saturando-o de sal comum ou muriato de soda, e recommenda esta mistura, como medicamento efficacissimo, na dysenteria, na febre remittente, na colica, na escrúncula, e quasi específico na diabetes e na tienteria. He porém de notar que nos ácidos nativos existe certa matéria fermentavel, a qual, sendo recebida no estomago com inclinação para a acescencia, o ácido padece certa fermentação acompanhada de flatulencia, de maior azedume e de outros symptomas da dyspepsia ou indigestão, sem que todavia se diminua a sua ação refrigerante, ou resulte grande mal ao sistema; afora nos casos de gota, ou do

pedra nos rins, em que a diminuição do vigor do estomago pôde ser nociva. Ao ponto em virtude desta inclinação ascendente do estomago, sendo o agridume maior, e talvez de huma natureza singular, unindo-se com a cholera ou mais depressa com a sua soda ou alcali mineral, pôde formar hum sal purgativo, o qual, ajudado das quella matéria verde, resinesa, que ficou solta, mediante esta nova união, occasione a menor ou maior diarréa e as dores de tripas, que algumas vezes acompanham a operação purgativa. Estes inconvenientes podem remediar-se quasi sempre apontando nos mesmos ácidos certa quantidade do qualquer licor espirituoso ou aguardente, o que constitue o ponche óptimo incitativo. Finalmente a respeito dos ácidos vegetais quer fermentados, quer nativos e dos fructos, não posso dispensar-me de transcrever aqui o que diz o citado Sanches, a saber, a provisão de vinagre em hum exercício havia de ser tão considerável, que igualasse á da farinha, azeite, e sal. He erro dizer-se que o vinagre he o vinho podre, ou corrupto. O vinagre não he mais que o mesmo vinho fermentado huma vez mais. — He erro introduzido vulgarmente nos medicos, ignorantes da química, o dizerem que o vinagre coalha o sangue; pelo con-

tra-

trario o dissolve : o vinagre misturado com o vinho, ou alguma porção de aguardente, ou só, ou desfeito na agua, he o mais universal, e soberano remedio em todos os males, que tratam os cirurgiões ; nas feridas, fracturas, deslocações, fluxos de sangue, herpes, &c ; interiormente resiste á podridão do fel, e dos mais humores ; he sudorifico, principalmente misturado com alcanfor. — Os exercitos Romanos usavam do vinagre, misturado com agua, por bebida ordinaria que chamavam *Posca*. *Pescennius Niger* Imperador o ordenou assim por lei militar, como refere *Spartiano*. Deveria o Soldado levar com sigo nas marchas hum frasco de vinagre como leva ordinariamente outro com agua ; lhe serviria para refrescar-se, e corrigir as aguas ás vezes encharcadas, e impuras, que he obrigado beber por todo o tempo da campanha, e alem de ser tão util, e necessário para a bebida, lhe serviria tambem de alimento. — Bem me parece ser superfluo indicar as virtudes dos limões, e laranjas azedas aos Portuguezes intelligentes : todos sabem o soberano remedio, que são contra as molestias do mar, e quanto resistem á podridão dos humores. — Eu não conheço remedio mais excellente na cura de todas as febres, como são os limões azedos : parece que

Sum-

Summa Providencia fez tão abundantes delas todas as terras meridionais, e entre os tropicos, com tal maravilha, que tanto mais o clima he ardente, mais azeda he esta fruta: o seu azeço tem hinc a excellencia, que não se acha nem no viogre, nem nos tamarindos, nra em algum espírito mineral destilado, como são os de vitriolo y de sal, e de enxofre; consiste pois em que no mesmo tempo ne ardentissimo: no limão viste hum oleo aromatico penetrante, mais na casca que no fruto, o qual he juntamente azedo; estas duas propriedades unidas refrescam, e emendam a pedridao dos nossos humores, e provêm a transpiração e a evacuação das urinas. — Destes sumos, isto he, espessos para se conservarem, diz o mesmo Sanchez, se poderiam fazer excelentes bebidas contra as febres, camaças, desmaios, ictericias com febre, desfeitos em agua com assucar, e huma leve porção de aguardente, de tal modo, que a bebida ficasse agro-doce, com o gesto de aguardente: serviria tambem para corrigir a pedridao da agua, misturando ao mesmo tempo algumas gottas de aguardente: seria a mais saudavel bebida sobre o mar, e a mais sultanera contra todas as doenças, que se experimentam navegando, principalmente entre os tropicos.

Ain-

(11) Ainda quando a minuciosa analyse da quina, feita por *Fourcroy*, na qual o Doutor *Reich* pretende escorar também a sua theoria do oxygeneo, não apresentasse productos manifestamente formados pela reacção dos principios, durante a mesma analyse, ou pela accão dos reactivos; e que na quina existisse essa copia de oxygeneo, que o Doutor *Reich* supõe, está no estado de combinação com os mesmos principios, que, a seu entender, obstante á virtude do oxygeneo, a saber, o hydrogeneo e o carbonio, que entram na composição dos ácidos carbonico, oxalico, citrico, maslico, acetoso, que *Fourcroy* tirou da quina, além do carbonio e do sulfato e nitrato de petassa. Muito embora attribuam *Reich* a virtude da quina e de outras casas ao oxygeneo existente nellas na razão directa da sua densidade, *Westring* ao tan, *Szazim* à gelatina, *Deschamps* ao cinchonato de cal, *Duncan* ao cinchonio; ou attribuindo constantemente a poderosa virtude incitativa permanente da quina á combinação de todos os seus principios constitutivos proximos, em quanto não houverem observações, que mostrem que, dados separadamente, a sua accão he mais energica que a da quina em pó, ou daquellas suas preparaçoes, que encerram maior numero desses.

destes principios. Os feitos ou as observações verdadeiras e os experimentos são os appoios firmes e seguros em que deve estribar a virtude de hum medicamento, e não os raciocinios illusorios e as analyses químicas, que de ordinario são basey ruinosas das suas virtudes e outros tantos motivos do erro. Com efeito não conhecemos melhor as virtudes da quina depois da minuciosa e forcada analyse que fez della *Fourrey*, e das que fizeram *Mirabelli*, *Cadet*, *Maton*, *Emquelin*, *Duncat* e outros do que sem ellas conheceraam *Morton*, *Torti*, *Werthof*. A quina diz *J. Murray*, tem sido muitas vezes analysada, mas os seus principios constitutivos proximos não estão ategora bem determinados. *Cinchona* *has often subjected to chemical examination, but its constituent proximate principles are still not well determined.*

(12) Tendo o autor no §. LXVIII, desapprovado os ácidos vegetaes por contarem hydrogeno e carbonio, neste diz que se as circunstancias exigirem, pode ajuntar-se aos ácidos mineraes algumas oitavas de qualquer substancia espirituosa ou irritante, a saber, de aguardente ou espirito de vinho, de aguardente de canna, cachaça, genebra, &c., cuja base he o alcohol,

que

que consta de hydrogeneo e de carbonio, e aquelle quantidade de oxygenio, que forma a agua, que na sua composição entra. Em summa não ha substancia alguma irritante sem hydrogeneo e carbonio.

(13) O uso dos arômetros, que mostram o peso específico dos líquidos e determinam a sua força, he tão conhecido e frequente em francia e inglaterra como desconhecido e raro em ou nunca practicado entre os nossos boticarios: assique essa força constante que o autor consideradamente requer nos ácidos, para a exacção das resultas, e não poderemos conseguir dos d'os boticarios, variando per tanto os ácidos, na sua força e pureza. He sabido que o ácido nitrico ou nitroso, que eles vendem, está sempre imquinado do ácido mamonio ou muriatico e do sulfúrico ou vitriolico, e não se contentam com puríssimo. Não ha muito tempo que, receitando eu o ácido mamonio ou muriatico para alguns enfermos, vim a saber que tomavam o nitroso, o qual he muito mais activo e forte que aquelle; este engano ou ignorancia dos boticarios poderia prejudicar se eu tivesse determinado certa dose do ácido, e não costumasse fazer azedar com elle huma determinada quantidade de agua com assucar.

car até ficar huma bebida agri-doce; e ~~se~~ por ventura as virtudes dos ácidos mineraes não fossem semelhantes. Em consequencia da referida falta do conhecimento e uso dos aréometros não se pode jamais conseguir que o alcohol, o espirito de vinho ou aguardente, &c., em que se fazem as tinturas e outras preparações, tenham aquelle grao de força, que se requer, segundo os principios e a natureza dos ingredientes.

(14) Muito tempo ha que se usa dos ácidos na tisica, especialmente do ácido vitriolico ou sulfurico, misturado com as substancias espirituosas, que o autor aqui aponta em contradiçao do que disse no §. LXVIII. O elixir de vitriolo ácido de *Myrsincht*, publicado com encomios, tem sido geralmente recebido na practica dos melhores medicos: *Antonio de Haen* o deu algumas vezes com fructo por muitos annos na tisica, e hoje se dá ainda na mesma molestia, na etiuidade purulenta, mormente quando os suores são copiosos, ou só em agua, ou misturado com a quina. *Cullen* porém prefere o ácido sulfurico diluido a este elixir, asseverando que não pode conhecer neste primazia em razão dos aromaticos: eu, sem embargo de notar na mi-

pha farmacopéa lisbonense as imperfeições desta preparação, ainda não deixei de fazer uso delle naquellas e noutras enfermidades, attendendo unicamente no acido, que os enfermos de boa mente, e sem temor tomam.

(15) Verdade he que nem os antigos medicos, nem os modernos davam o azulo vitriolico ou sulfurico nas febres com mão tão larga como o Dr. Reich, mas tambem não eram mesquinhos na quantidade. Con davam sobre maneira nas suas virtudes, e misturavam com aguas, cozimentos, ou xaropes, e assim usavam delle ja como remédio refrigerante e antillogistico, ja como medicamento incitativo, roborante, adstringente, antisепtico, &c. nas febres, hemorragias, sarna, e noutras enfermidades. Este acido era a ancora medicinal de sedentário nas bexigas, e tambem de Tissot. O prudente pratico *Quain* recorre muitas vezes a elle e o da com mão larga em varias doenças. Verdade he tambem que nenhum medico conta somente nas suas virtudes para curar as enfermidades, e que ao mesmo tempo recorrem a outros remédios reputados por igualmente ou mais efeizes, mas quem jamais em huma molestia grave ousará pôr a sua esperança em hum

so remédio? Nem o autor, que tanto exagera as virtudes dos ácidos, confia nesses, pois recommends que se lhe ajunte outras substâncias quando as circunstâncias exigirem, ou se use de outros remédios, como purgas, vomitorios, &c. Lembro-me ao ponto de ouvir a hum estudante de Coimbra, que seu mestre y lente de prática na universidade, pretendendo refutar a doutrina de *Braen*, que ali começava a conhecêr-se, e mostrar que os ácidos eram capazes de curar as febres podres ou *typhus*. Escolhera para exemplo hum enfermo accomettido de *typhus*, e começou a tratar sómente com o ácido sulfurico ou vitriolico até que alim morre. Que immitável exemplo!

(16) Pelo contrario todos ignoram essa supposta riqueza de oxygeneo no alcohol, na aguardente, &c. e sabem que estas substâncias constam de muito hydrogeno e carbonio, e que não contém mais oxygeneo do que aquelle que entra na composição da agua, que anda sempre misturada com as ditas substâncias. Parecia que constando a agua de 0,85 de oxygeneo e 6,15 de hydrogeno, e por conseguinte, contendo maior quantidade daquelle do que qualquer dos ácidos mineraes, devia ser mais eficaz e

energica nas febres do que os mesmos acidos, mas como estes sómente se dão em agua, nesta mistura se dá o oxygeneo de todos os ingredientes.

F. I. M.